

I – A ENTRADA NA VIDA

Tema 3 – Eu com os Outros.

3.1. AS RELAÇÕES PRECOCES

Fotoc. nº _____

Nome: Catarina Conde

Data: 14/04/23

**GUIÃO PARA O ESTUDO AUTÓNOMO DO TEMA
“AS RELAÇÕES PRECOCES”**



TAREFA: RESPONDE NESTE MESMO DOCUMENTO COM LETRA

*Lucida Handwriting, tamanho 14, a azul escuro, no espaço
respetivo (sem alterar o que cá está), a partir da leitura atenta*

das págs. 92 a 117 do manual – VOL. 1

1. Começa por visualizar o vídeo seguinte:



[Bebê Se Emociona ao ver sua mãe cantar - YouTube](#)

Reflexão... E farás a ligação entre o tema da emoções e das relações precoces.

Este é um vídeo particularmente muito interessante, pois é curioso o facto do bebé ouvir a mãe cantar e chorar. Esta emoção está presente, pois estas são o primeiro modo de comunicação da criança, a criança começa assim a chorar, não pela música, mas sim pela ligação que tem com a mãe. Achei este vídeo muito agradável, porque não fazia

ideia que desde tão pequeninos já temos um vínculo enorme com os nossos pais.

2. Explica o que se entende por **relações precoces** e qual a sua importância.

As relações precoces são as primeiras interações entre a criança e quem cuida dela, e têm um papel fundamental no desenvolvimento do bebé até a chegada da construção final do eu. Estas no início da vida permitem uma ligação afetiva entre os dois seres, ou seja, entre o bebé e a mãe, por exemplo. Vão ainda ter um papel importante em relação à interação com os outros.



3. O que se entende por **imaturidade do bebé humano** e o que mudou nesse conceito nos últimos tempos?

O ser humano é caracterizado à nascença como um ser imaturo. Essa imaturidade é um elemento decisivo no processo de desenvolvimento do bebé, pois nascemos sem saber nada. Um bebé prematuro necessita de muita atenção e de muitos cuidados, tendo os cuidadores um papel fundamental, nomeadamente nos primeiros anos de vida, para conseguir sobreviver física e psicologicamente,

muitas crianças pela falta de cuidados acabam mesmo por falecer, ainda mais hoje em dia que as necessidades são muitas.

Visualiza o vídeo “As primeiras relações” na Escola Virtual:

4. Quais as principais competências do bebê e por que se consideram tão importantes?~

As principais competências do bebê são a competência de comunicar que inclui, o choro, o sorriso, as expressões faciais e as vocalizações. Os bebês como não sabem falar, adotam estratégias para se comunicar, ou seja, quando está por exemplo, com fome chora para atrair alguém e que o alimentem. Este processo acaba por ter um valor adaptativo, visto que as necessidades fisiológicas e psicológicas são satisfeitas. Assim, as competências do bebê são importantes, porque ajudam a criança em pequena a saber comunicar de outras maneiras.



5. Refere algumas das competências fundamentais da mãe (ou agente maternante).

O processo de regulação mútua significa a capacidade da mãe comunicar eficazmente com o bebê, ou seja, a mãe interpreta e comunica corretamente o seu estado emocional e responde de forma adequada às solicitações do seu bebê, se

chora, tenta entender o que se passa, por exemplo.

Caso a mãe não responda da forma esperada às solicitações do bebé, podem desenvolver-se sentimentos de desconfiança que se manifestam por medos, receios e insegurança, por exemplo, o bebé chora e a mãe não vai ver o que se passa.

Uma boa mãe comunica sempre com o bebé, transformando as inquietações em segurança, o desconforto em bem estar, torna tolerável a angústia e faz o bebé sentir-se amado, compreendido e protegido.

Wilfred Bion, sugeriu o modelo continente-conteúdo para contextualizar a relação mãe-bebé, onde este vivencia medos, emoções, angústia, sendo este designado por conteúdo e a mãe por continente.

Uma boa mãe continente é aquela que entende todos os sentimentos negativos do bebé transformando-os em sentimentos positivos fazendo com que o bebé se sinta bem e seguro.

6. Realiza o "Testa o que sabes" pág. 99 e 100.

1. D.

4. D.

2. B.

5. C.

3. A.

6.A.

7. Defina o conceito de vinculação e, a partir das experiências de Bowlby e M. Ainsworth, esclarece a sua importância.

A Vinculação é a importância das relações humanas e as suas consequências no desenvolvimento individual de cada um de nós. Desde o nascimento as crianças procuram a relação com o outro, ou seja, estabelecem um vínculo com a figura de vinculação, por exemplo com os pais.

Para Bowlby, a vinculação é uma relação emocional profunda e duradoura que liga uma pessoa a outra no tempo e no espaço, já para Ainsworth, as crianças e os seus cuidadores podem estabelecer vários tipos de relações de vinculação, esta descoberta foi feita através de uma experiência chamada "A Situação Estranha", existem três tipos de vinculação:

- 1. Segura: influencia positivamente no desenvolvimento afetivo, psicológico do bebé com o efeito das suas relações futuras*
- 2. Evitante: indiferentes à separação da mãe e ao seu regresso*
- 3. Ambivalente/resistente: demonstração de uma perturbação antes da mãe sair e uma agitação quando abandona a sala, hesitando entre a aproximação e o afastamento quando esta regressa. Assim, uma criança que tenha estabelecido uma vinculação segura, tenderá a crescer e a criar relações positivas, e terá facilidade em conversar com o outro.*

Este vídeo da Escola Virtual ajudar-te-á a compreender: **Reflexão...**

A Teoria do apego ou da vinculação, é como nos explicou no vídeo a necessidade inata,





primária, e essencial ao desenvolvimento mental do ser humano e ao desenvolvimento da sociabilidade. Uma coisa que me chamou muito à atenção foi o facto de muitas pessoas dizerem que faz mal dormir com o bebé na mesma cama, esta mãe faz exatamente o contrário e é nítido na cara do bebé, que dorme mais feliz e um dia vai-se sentir mais segura ao lado dos seus progenitores, coisa essa que muitas pessoas hoje em dia não têm.

8. Mary Ainsworth vai fornecer à teoria da vinculação de Bowlby um suporte observacional e experimental. Esclarece.

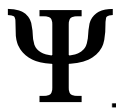
Ainsworth forneceu a Bowlby algumas etapas no processo da vinculação, o primeiro estágio de orientação, o de focalização, que durante 7/9 meses conduz à vinculação.

Visualiza este vídeo sobre a experiência “Situação Estranha”, em: [The Strange Situation - Mary Ainsworth - YouTube](#)

E neste outro vídeo da E. V. esclarece-se o conceito de “vinculação segura” e “base se segurança”.



Reflexão...



A "situação estranha" trata-se de como os bebês se equilibram à sua necessidade de apego e autonomia em diferentes níveis de stress. Nesse vídeo colocou-se uma mãe e um filho com cerca de um ano de idade numa sala com brinquedos para que o bebê pudesse brincar e observava as interações de ambos antes e depois da introdução de uma pessoa desconhecida na sala. A situação estranha incluía momentos em que a mãe saía da sala e deixava o bebê com o desconhecido, e depois regressar.

Para Ainsworth, a informação mais relevante sobre o vínculo mãe-filho não era proveniente da reação do bebê quando a mãe saía, mas de como reagia ao seu regresso, e sugeriu que as reações do bebê depois de voltar a reunir-se com a mãe indicam três tipos de apego.

Vinculação segura: Mostram mal-estar se a mãe sair da sala, mas brincam tranquilamente, inclusive na presença de um desconhecido, sempre que a mãe não estivesse acessível.

Vinculação evitante: indiferentes à mãe e apenas reagiam quando esta deixava a sala. Confortam-se tanto com o desconhecido como com a mãe.

Vinculação resistente/ ambivalente: Mostram receio perante o desconhecido, inclusive na presença da mãe.

No vídeo apego seguro , a criança chora quando o pai sai e só se cala quando ele volta. Assim, pode-se dizer que a criança tem uma vinculação ambivalente, para com o pai, sendo que quando fica sozinho com uma mulher fica a chorar.

9. Realiza o “Testa o que sabes” da pág. 104 e 105.

1. B.
2. C.
3. B.
4. C.
5. A.



10. Harry Harlow desenvolveu experiências sobre a privação maternal e social em macacos Rhesus. Visualiza em:

[Harlow's Studies on Dependency in Monkeys - YouTube](#)

11. Em que consistiram essas experiências e que conclusões podemos daí retirar?

Estas experiências

consistiam em mostrar o efeito da ausência da mãe. As conclusões foram que durante as experiências, que foram divididas em 2 fases, Harlow utilizou macacos Rhesus bebês, separando-

os da mãe após nascerem. Criaram duas mães falsas uma feita de arame e outra também de arame mas forrada com um tecido macio. A mãe de arame tinha um biberão e a mãe forrada de um tecido macio também tinha. Harlow observou que os macacos bebês preferiam a mãe de tecido.

T2 - Eu com os Outros - Harry Harlow



E na E. Virtual



12. Numa segunda fase da experiência Harlow retirou, ainda, outras conclusões. Quais?

Numa segunda fase, Harlow retirou o biberão da mãe de tecido, mas mesmo assim continuavam a preferi-la, pois era mais confortável. Este concluiu então que os macacos preferiam o conforto e carinho da “mãe” ao invés do alimento, sendo reconhecido pelo próprio a necessidade dos macacos estarem junto da mãe, e preferir o contacto ao invés do biberão com alimento.

13. René Spitz estudou o conceito de hospitalismo. O que é e quais as suas consequências.

O hospitalismo é o conjunto de perturbações que o bebé sofre devido às privações maternas. Na ausência da mãe, as reações da desvinculação, podem provocar uma depressão, devido à falta da figura materna.

Quando as crianças de idades muito precoces são sujeitas a uma falta de contacto com os seus entes mais próximos, seja em situação de abandono ou a uma época passada no hospital, vão sofrer de problemas tanto físicos como psicológicos que podem afetar o seu desenvolvimento normal, tais como, o atraso no desenvolvimento corporal, insónias, perda de peso, alteração do seu estado geral, incapacidade de adaptação ao meio, fragilidade e menor imunidade a doenças infecciosas.

Vídeo na E. Virtual. NOTA: Algumas imagens podem chocar:

Reflexão...

Neste vídeo, explica-nos o que é o hospitalismo, ou seja, é um estudo feito em crianças durante

os primeiros 12 meses, que permanecem num sítio sem



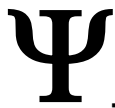
ter contacto com a mãe, e acabaram por chegar à conclusão de que a criança apresentava algumas perturbações somáticas e psíquicas do resultado de não ter a mãe consigo, são cuidados por desconhecidos e não pela sua figura materna. Na minha opinião este vídeo foi muito chocante, pois as crianças estão sempre a mexer-se parece que não conseguem parar, e é óbvio que têm uma necessidade de ter laços e contactos afetivos com a mãe/ pai. A ausência destes leva a criança a ter perturbações emocionais, comportamentais e desenvolvimentos graves.

E ainda em:

[Emotional Deprivation in Infancy Study by Rene A. Spitz 1952 - YouTube](#) Reflexão...

Este foi um vídeo para mim, muito confuso, porém depois de pesquisar um pouco à cerca do assunto, fiquei a entender, que o bebé inicialmente com 9 meses e 8 dias, sem a mãe à 6 meses, chorava muito e era muito irrequieto, um mês depois com 10 meses e 8 dias, o bebé não parece mais o mesmo, pois já se acostumou a estar sem a mãe. Este foi um tema muito chocante,





*pois eu não sei se fosse eu conseguia “esquecer-me”
assim da minha mãe.*

14. Contudo, ainda assim, há sempre esperança! Isto porque somos **RESILIENTES!**

DA VULNERABILIDADE À RESILIÊNCIA

Os estudos mostram que algumas crianças e adolescentes confrontados com contextos desfavoráveis e potencialmente desestruturantes resistem, apesar das circunstâncias adversas, à ameaça da desorganização psíquica. A constatação desta variabilidade deu origem ao conceito de resiliência.

O termo **resiliente** tem origem na Física e designa a resistência do material aos choques e à capacidade de uma estrutura absorver a energia cinética do meio sem romper.

O termo foi aplicado em Psicologia, a partir da década de 80, para designar os indivíduos que recuperam as suas energias depois de terem sofrido uma depressão. Contudo, hoje, a expressão resiliente aplica-se fundamentalmente às crianças que crescem em ambientes de privação e de risco (ex.: violência e maus-tratos) e que conseguem ultrapassar eficazmente os traumas vividos. Fogem ao ciclo de violência, ao fatalismo de criança que sofre violência, será um adulto violento, delinquente, socialmente desajustado.

O psicólogo Elwin James Anthony desenvolveu um estudo sobre crianças que tinham sofrido maus-tratos ou situações traumáticas ou que eram oriundas de famílias onde havia problemas de alcoolismo ou outros e que as tornariam mais vulneráveis. Em 1980, dedica um livro ao tema: *The Vulnerable Child*. Conclui, entretanto, que, entre as crianças que designa por vulneráveis, há algumas que se desenvolvem de forma equilibrada, o que lhe mereceu uma reflexão no livro *The Invulnerable Child*, em 1987.

É a psicóloga Emmy Werner quem vai aprofundar a questão num estudo que desenvolve numa zona do arquipélago do Hawai. Das 698 crianças nascidas em 1955, destaca um grupo de 201 bebés considerados de risco. Durante 32 anos, ela e os seus colaboradores acompanharam o desenvolvimento destes bebés, concluindo que, até à adolescência, um terço das crianças não apresentava qualquer problema; dois terços resolveram os seus problemas até aos 30 anos, integrando-se na sociedade; só 6% tiveram necessidade de apoio psicológico. Emmy Werner designou as crianças que resistiram às adversidades de “crianças resilientes”.

A **resiliência**, que é, no fundo, **a capacidade de resistir à adversidade**, é um processo, não um estado e, por isso, uma pessoa pode ser mais resiliente num momento da vida do que noutro.

Geralmente, os investigadores identificam alguns fatores que designam por “fatores de proteção”: individuais, familiares e extrafamiliares. Os primeiros são características como a inteligência, a auto-estima, a autonomia e o humor. A família, designadamente os pais, são elementos que permitem resistir melhor às situações traumáticas. Às vezes, os pais são substituídos por um adulto significativo, uma irmã, os avós, os tios.

Outros fatores identificados são a escola — onde a criança pode participar em relações cativas que sejam fonte de confiança e auto-estima. Os encontros com pessoas significativas

— por exemplo, um professor — pode ser muito importante. É o conjunto das defesas que permitirá que a criança elabore comportamentos que lhe permitam resistir e ultrapassar as situações.

O conceito de resiliência tem sido alargado à capacidade de resistir a situações adversas.

E hoje, mais do que nunca, em plena pandemia pelo novo corona vírus, todos conhecemos este termo que, até há um ano atrás, era desconhecido da maioria dos portugueses!

Faz uma reflexão sobre este conceito aplicando-o à tua realidade pessoal.

No comportamento humano a resiliência é a habilidade de superar as adversidades sem ser afetado por elas de modo negativo e permanente. No meu ponto de vista, e pelo que já passei na vida, ainda não fiz algo para ser resiliente, porém pelo facto de nunca ter desistido e tentado ir sempre atrás daquilo que quero, por mais que as coisas pareçam impossíveis, tudo se pode tornar possível um dia, pois para tudo na vida à uma maneira e forma de a ultrapassar, apenas a morte não a tem. Durante 17 anos, nunca desisti de nada, muitas coisas deram certo e muitos deram errado, porém nunca baixeí os braços e desisti, luteí sempre para alcançar o topo e tenho a certeza que um dia vou chegar onde tanto quero. Considero-me por isso uma pessoa resiliente, pois já ultrapasseí muitos obstáculos para estar aqui hoje.

15. Realiza o “Testa o que sabes” da pág. 113 e 114.

1.
 - 1.1) O choro, o sorriso, as expressões faciais.
 - 1.2) Pegar o bebé ao colo, e falar com o bebé cuidadosamente.
 - 1.3) A aprendizagem da relação da vinculação “... consolidará pouco a pouco a vinculação com a criança.”
 - 1.4) Os comportamentos acabam por ser expressos pelo bebé.
2. B.
3. A.
4. A.
5. A.

6. A.

7. A.

8. B.

9. B.

Conclusão

As relações precoces são:

- estruturantes da nossa identidade.
- organizadoras da nossa saúde mental.
- fundamentais para o nosso bem-estar e personalidade.



Relações precoces